

VALIDAÇÃO DE CONSTRUTO DO INSTRUMENTO PERFIL DO ESTILO DE VIDA INDIVIDUAL

José Augusto Evangelho Hernandez¹
Francisco Xavier de Vargas Neto²
Thiago Correa Oliveira³
Ariane Amoretti Rodrigues⁴
Celedo Heitor Elz Neto⁴
Rogério da Cunha Voser⁵

Resumo: Esta pesquisa buscou verificar as características psicométricas do instrumento Perfil do Estilo de Vida Individual (PEVI) de Nahas, Barros e Françalacci (2000) derivado do modelo do Pentágulo do Bem-Estar. Foram examinadas 168 pessoas do sexo feminino e masculino. A idade dos participantes variou entre 30 e 68 anos. Os sujeitos responderam ao questionário que possui 15 itens subdivididos, igualmente, em cinco fatores (Nutrição, Atividade Física, Comportamento Preventivo, Relacionamentos e Controle do Stress). Para responder, as pessoas usaram uma escala tipo Likert de quatro pontos. Os dados foram coletados em locais públicos, como associações e praças de um bairro classe média da cidade de Porto Alegre/RS. As respostas foram analisadas pelo SPSS 11.5 através das técnicas Análise Fatorial para componentes principais com rotação *Varimax* e Coeficiente *Alpha* de Cronbach. Os resultados revelaram vários itens saturando em fatores não prescritos pelos autores, comprometendo a validade de construto da medida. Além disso, a fidedignidade do instrumento ficou aquém do desejável.

Palavras-Chave: Bem-estar. Qualidade de Vida. Instrumentos de Medição. Validação de Construto.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem sido abundante a produção de modelos e medidas que tentam explicar e avaliar bem-estar, qualidade de vida, estilo de vida e outros aspectos

¹ Doutor em Psicologia (UFRGS)

² Doutor em Educação Física (UB/Es)

³ Licenciado em Educação Física (IESJT)

⁴ Acadêmica de Educação Física

⁵ Doutor em Ciências da Saúde (PUCRS)

de um conceito maior denominado saúde. O presente estudo verificou as características psicométricas de uma destas propostas, analisou o Perfil do Estilo de Vida Individual (PEVI) de Nahas, Barros e Francalacci (2000), um instrumento de medida de dimensões da qualidade de vida.

Segundo Nahas (1996), em grande parte dos trabalhos produzidos nessa área, os fatores nutrição, atividade física e controle do estresse têm sido tradicionalmente associados com questões da saúde e bem-estar. Devido ao crescente uso abusivo de substâncias (fumo, álcool e outras drogas) e à necessidade da adoção de comportamentos preventivos, o autor propôs a ampliação do trinômio anterior para cinco dimensões. Além disso, adotou a expressão Pentáculo do Bem Estar e a figura geométrica regular do pentagrama para representá-las.

Nahas, Barros e Francalacci (2000) decidiram alterar o Pentáculo do Bem-Estar (vide Figura 1): juntaram o fator uso de drogas ao fator comportamento preventivo e incluíram a qualidade dos relacionamentos humanos (quinto fator).

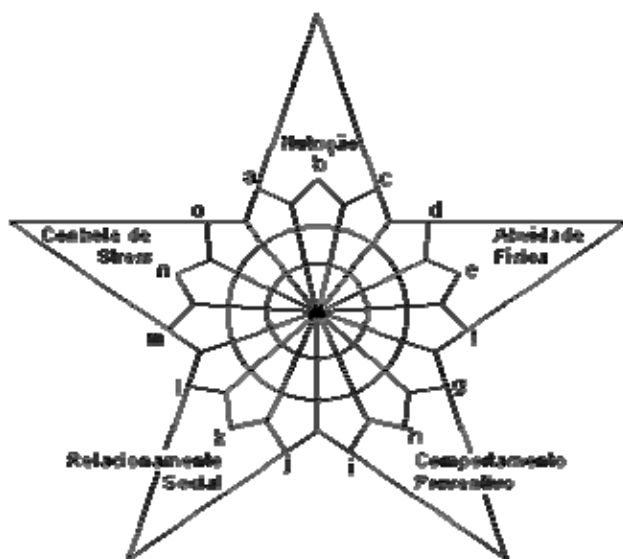


Figura 1 - Pentáculo do Bem-Estar

Fonte: Nahas, Barros e Francalacci (2000).

O Pentáculo ou Pentagrama é um poderoso símbolo, associado desde as mais remotas eras à Magia e ao Ocultismo. Algumas igrejas templárias em Portugal ainda conservam vitrais na forma de Pentagramas. Os templários, monges guerreiros, ficaram famosos por suas associações com o ocultismo, a ponto de serem vitimados pela Inquisição. Os significados do Pentáculo têm sido diversos ao longo da história. Pode simbolizar a união dos quatro elementos (Terra, Água, Fogo e Ar) ao quinto elemento, a

Quintessência ou Princípio Vital. Além disso, simbolizaria também o ser humano, com os dois pés (as pontas inferiores) plantados no solo, os braços abertos em louvor (as pontas intermediárias) e a cabeça voltada ao céu (a ponta superior). Esta leitura simbólica está associada com Leonardo da Vinci que, ao propor seu estudo das proporções humanas, o fez inserindo um homem dentro de uma figura circular, criando assim um Pentagrama perfeito (WIKIPÉDIA, 2006).

Nahas, Barros e Francalacci (2000), inspirados no modelo do Pentáculo do Bem-Estar, criaram o PEVI, composto de 15 itens divididos igualmente entre cinco fatores, os quais representam as pontas do pentagrama. Os sujeitos pesquisados, além de responderem aos itens, são convidados a colorir a figura do pentáculo e visualizarem seu próprio perfil de estilo de vida. O PEVI tem sido, com frequência, utilizado nas pesquisas da Educação Física e outras áreas da saúde (BAHIA, 2002; BITTENCOURT *et al.*, 2005; EIDAM, 2003; FOGAGNOLI, SILVA, CORRADO, 2005; PONTES *et al.*, 2005).

Almeida Filho (2000, p.5-6), crítico do conceito de saúde, chamou atenção para o surgimento de um novo misticismo sanitário e para o poder simbólico dessas ideologias. Comentou o pesquisador que:

No contexto sanitário dos países industrializados, emergiu um movimento ideológico, com características ecumênicas, denominado Promoção da Saúde. Como definir o que é saúde, parecia bastante difícil, esses novos evangelistas convocaram publicitários, artistas gráficos, gurus e até mesmo alguns pesquisadores, que contribuíram com logotipos, esquemas e desenhos interessantes, ampliando cada vez mais o 'todo completo', incluindo novas modalidades de bem-estar, sempre a garantir que isso nada tem a ver com doença.

Assim, foi produzida uma série de truísmos e tautologias de formas variadas. Um exemplo disso pode ser observado nas figuras 1 e 2, onde Saúde está definida como “uma mandala totalizante das virtudes e valores humanos” (ALMEIDA FILHO, 2000, p. 6).

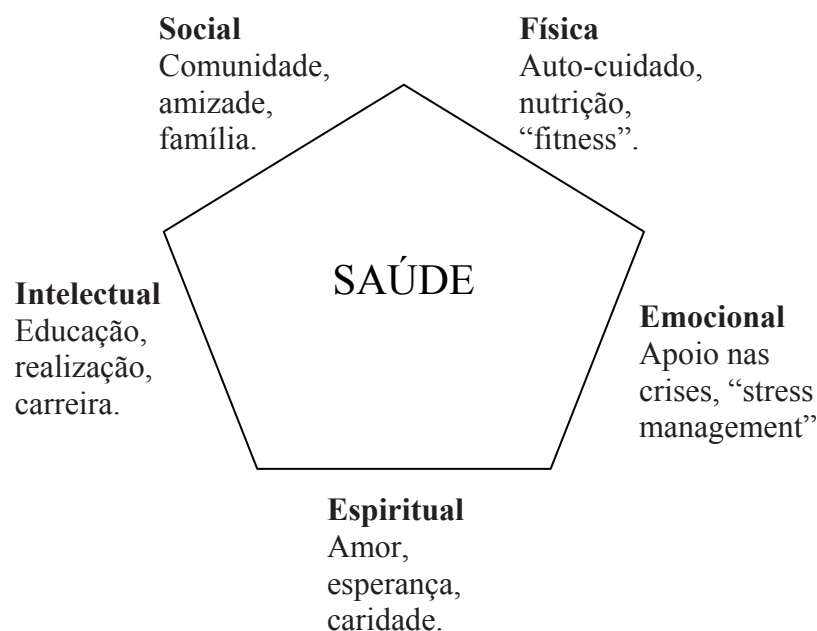


Figura 2 – Modelo Ideal de Saúde

Fonte: adaptado de Editorial (1989).

O mais conhecido instrumento de medição da qualidade de vida é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Este instrumento aborda aspectos de natureza social e cultural e focaliza-se em três elementos considerados fundamentais na qualidade de vida de uma população: renda, saúde e educação (MINAYO *et al.*, 2000).

Além disso, em 1995 a Organização Mundial da Saúde construiu um instrumento denominado *WHOQOL Group* que na versão integral possui 100 itens distribuídos em seis domínios: físicos, psicológicos, de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade/crenças pessoais. Também foi construída uma versão abreviada (*WHOQOL bref*) composta por 26 itens que obtiveram os melhores desempenhos psicométricos extraídos do instrumento completo. A versão abreviada é constituída por quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente. O Grupo de Estudos sobre Qualidade de Vida do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizou o trabalho de validação da versão brasileira do *WHOQOL* (FLECK *et al.*, 1999). As características psicométricas preencheram os critérios de desempenho exigidos: consistência interna, validade discriminante, validade convergente, validade de critério e fidedignidade de teste-reteste.

De modo diverso, na revisão das publicações que se referem ao desenvolvimento do PEVI (NAHAS, 1996; NAHAS, 2003; NAHAS, BARROS, FRANCALACCI, 2000) não emergiram informações claras sobre o processo de construção do mesmo que possibilitassem vislumbrar os dados, procedimentos e critérios científicos adotados pelos pesquisadores.

Conforme Burnett e Dart (1997) e Thomas e Nelson (2002), análises fatoriais convencionais além de serem usadas para o desenvolvimento de novos instrumentos de medida, também são utilizadas para validação de escalas existentes com amostras diferentes da original. O presente estudo procurou realizar este trabalho confirmatório com o PEVI.

MATERIAIS E MÉTODOS

Participantes:

Foram examinados 168 pessoas, 96 do sexo feminino e 72 do masculino. A idade dos participantes variou entre 30 e 68 anos (média de 46,5 anos e desvio-padrão de 6,75).

O número de participantes foi baseado nas recomendações de autores que sugerem para realização da Análise Fatorial seja, pelo menos, adotado o critério de 10 respondentes para cada item do instrumento a ser analisado (THOMAS; NELSON, 2002).

Instrumento:

Foi utilizado o PEVI de Nahas, Barros e Francalacci (2000). Trata-se de um instrumento de 15 itens subdivididos igualmente entre cinco fatores: Nutrição, Atividade Física, Comportamento Preventivo, Relacionamentos e Controle do Stress. Foi usada uma escala tipo Likert de quatro pontos para responder aos itens: o 0 significando “absolutamente não”, 1 “às vezes”, 2 “quase sempre” e 3 “sempre verdadeira”, conforme instruções dos autores.

Procedimentos:

Coleta de Dados:

Os participantes foram abordados individualmente em locais públicos, tais como, praças e associações de um bairro de classe média da cidade de Porto Alegre/RS. Após uma explicação breve, clara e objetiva sobre a pesquisa, os sujeitos preencheram e

assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em seguida, responderam ao PEVI.

Análise de Dados:

As respostas dos sujeitos ao instrumento foram analisadas pelo *SPSS*, versão 11.5, através dos seguintes passos:

Passo 1.

Análise Fatorial para componentes principais com rotação *varimax* tendo por objetivo aglutinar itens do instrumento que definem dimensões específicas. Essa etapa foi realizada de acordo com o critério de Kaiser (1960) para revelar fatores com autovalores maiores que 1; convém lembrar que a opção pela rotação ortogonal teve como objetivo minimizar a relação entre os cinco fatores. Além disso, foi utilizado o recurso gráfico do *Scree Test* para identificar o número de fatores (CATTELL, 1966).

Passo 2.

Mesmos procedimentos anteriores, porém com fixação de cinco fatores para extração;

Passo 3.

Avaliação da consistência interna do instrumento por meio do Coeficiente *alpha* de Cronbach, tanto para o instrumento geral quanto para as suas partes que definem as dimensões específicas (fatores).

RESULTADOS

Passo 1:

A análise de componentes principais extraiu seis fatores maiores do que 1 *eigenvalues*, responsáveis por 67,9% da variância total explicada. A observação da figura 3 fornece apoio para a solução de seis fatores.

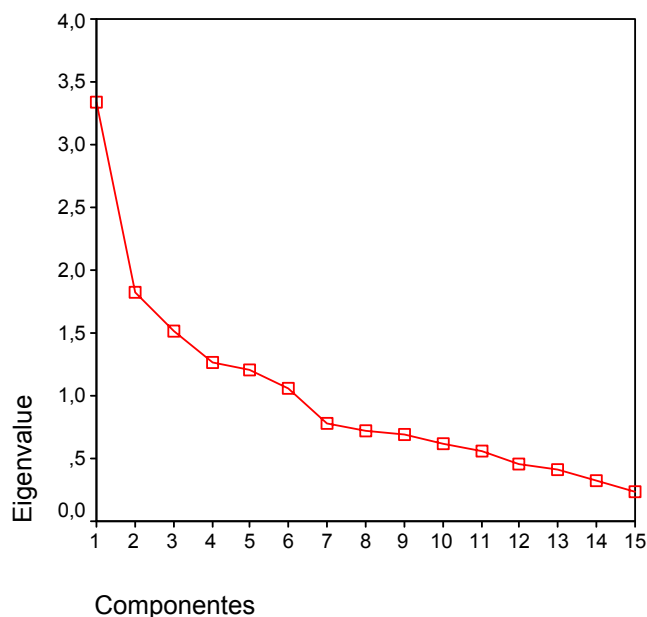


Figura 3. Scree Plot

O fator 1 com 22,2% da variância compreendeu os itens 5 e 6 (Atividade Física) e 13 e 15 (Controle do Stress). O item 4 apresentou cargas fatoriais mais elevadas no fator 5 e o item 14, no fator 6. O fator 2 com 12,1% da variância incluiu os itens 1 e 3 (Nutrição), o item 2 carregou mais forte no fator 5. O fator 3 com 10,1% da variância reuniu os itens 10, 11, 12 (Relacionamentos). O fator 4 com 8,38% da variância agrupou os itens 8 e 9 (Comportamento Preventivo), o item 7 carregou mais forte no fator 2. O fator 5 com variância 8,04% ficou com os itens 2 e 4 (já visto antes). Por fim, o fator 6 com 7,03% compreendeu o item 14 (idem). Os itens com suas respectivas saturações (foram excluídas todas as menores que 0.30) podem ser observados na Tabela 1.

Passo 2:

A Análise Fatorial para componentes principais com fixação para cinco fatores produziu um resultado similar ao anterior.

Passo 3:

O Coeficiente *Alpha* padronizado de Cronbach encontrado para a escala toda (15 itens) foi de 0,71; para a subescala Nutrição, 0,28; para a subescala Atividade Física, 0,71; para a subescala Comportamento Preventivo, 0,45; para a subescala Relacionamentos, 0,58; e, para a subescala Controle do Estresse, 0,40.

Tabela 1. Matriz de Componentes

	Componentes					
	1	2	3	4	5	6
01		,765				
02					,803	
03		,763				
04	,417	,423			,552	
05	,684	,330				
06	,776					
07		,557		,411		-406
08				,791		
09				,707		
10			,692			
11			,745			
12			,695			
13	,683					-486
14						,759
15	,786					

Método de Extração: Análise de Componentes Principais.

Método de Rotação: Varimax com Normalização Kaiser.

A correlação média inter-itens foi de 0,14, com mínimo de -0,19 e máximo de 0,56. A covariância média inter-item foi de 0,17, variou de -0,30 a 0,84. A correlação item-total do instrumento variou de -0,01 a 0,51.

DISCUSSÃO

Validade de Construto

Conforme Pasquali (2003), a validação de construto é a forma mais fundamental de validade de um instrumento, pois envolve a verificação científica da hipótese da legitimação da representação que os itens têm dos conceitos.

O PEVI apresentou problemas de validação de construto, haja vista que a extração dos componentes principais (sem fixação de fatores) revelou seis fatores e não cinco (vide figura 3). Além disso, vários itens carregaram em fatores não prescritos

pelos autores e, por vezes, apresentaram sobreposição de fatores (vide Tabela 1). Este último quadro novamente se revelou na solução produzida com a fixação de cinco fatores.

Os problemas constatados com um instrumento avaliado podem estar relacionados com o método de construção do mesmo. Anastasi (1986) comentou que o processo de validação de um instrumento começa com a formulação das definições do construto, as quais derivam de teoria, de pesquisas anteriores ou da observação e análise sistemáticas. Na seqüência, é imprescindível reunir itens que possam representar legitimamente os construtos. Por fim, as análises empíricas dos itens poderão selecioná-los conforme suas eficácias ou validades.

Que procedimentos Nahas, Barros e Francalacci (2000) adotaram para definir os componentes (construtos) do Pentáculo do Bem Estar? E por que eles têm que ser cinco? Para se ajustar à idéia do Pentáculo? Será intrínseca a relação entre este e qualidade de vida?

Nahas (1996, p. 1) apresentou suas primeiras idéias sobre o Pentáculo do Bem Estar e, nesse texto, reconheceu a “multiplicidade de fatores que determinam a qualidade da vida”. O trinômio nutrição, atividade física e controle do estresse foi citado como um conjunto consagrado e amplamente abordado por teóricos em inúmeros tipos de publicações (nenhuma dessas é identificada pelo autor). A escolha dos outros dois fatores (comportamento preventivo e não uso de drogas) sustentou-se pela argumentação do autor. Em Nahas, Barros e Francalacci (2000) emergiram as fontes do trinômio mencionadas antes, surpreendentemente em número de duas, DeVries e o próprio Nahas. Não seriam essas evidências teóricas frágeis para apoiar a escolha dos primeiros constituintes do modelo? Mais adiante, Nahas, Barros e Francalacci (2000) propuseram a inclusão do fator não uso de drogas no fator comportamento preventivo e, baseados em alguns autores, adotaram a qualidade dos relacionamentos como quinto componente do Pentáculo e, depois, do PEVI.

Considerando que comportamento preventivo remete à idéia de procedimentos previamente estabelecidos de forma mediatizada pelo indivíduo com finalidades específicas a serem alcançadas, parece que, no PEVI, comportamento preventivo deveria englobar e conter os demais fatores descritos: nutrição, atividade física, controle do estresse e relacionamentos. Ou seja, não é uma categoria da mesma ordem ou instância de classificação destas outras citadas. Não está o instrumento, em geral,

medindo o quanto o indivíduo tem de comportamentos preventivos nas diversas áreas? No caso, este seria apenas um dos muitos aspectos de uma discussão mais extensa sobre a definição dos construtos do PEVI. Pasquali (2003) advertiu que a confusão no campo teórico dos construtos gera extrema dificuldade para o psicometrista operacionalizar os mesmos.

Após o trabalho árduo de elaboração do conceito, viria o momento da seleção dos itens no processo de construção do instrumento, isto é, o recrutamento de itens (descrições comportamentais) que possam representar os construtos. Este estágio de análise teórica dos itens abrangeria as análises semântica e de juízes. E, por fim, testar empiricamente estes itens (mediante análise das respostas dos sujeitos) para peneirar os de melhor adequação às definições dos construtos. Em Nahas, Barros e Francalacci (2000) e, também, nos outros textos que divulgam o Pentáculo do Bem-Estar (NAHAS, 1986; NAHAS, 2003), não há informação sobre estes procedimentos. Por que o número final de itens ficou em 15? Por que cada fator compreendeu igualmente três itens? Tudo teria que ser regular como o Pentáculo? Este quadro leva a pensar que, simplesmente, não foi adotado um procedimento científico adequado à situação, o que estaria refletido nos resultados atuais, em que a capacidade de representação dos itens mostrou-se precária.

Por outro lado, Nahas, Barros e Francalacci (2000, p. 55), de forma excessivamente lacônica, referiram-se a “dados preliminares” produzidos sobre aspectos psicométricos do instrumento. No entanto, nenhum dado objetivo relacionado à validade foi apresentado, apenas alguns números vagos que, supostamente associados com a fidedignidade da medida, foram mostrados. Os autores explicaram que “estes e outros dados de validade e reprodutibilidade do instrumento estão em desenvolvimento e serão publicados num trabalho futuro.” Após seis anos, não se teve conhecimento da publicação desses dados. Sem dúvida, essas informações seriam de enorme importância para a discussão em questão. No final, os autores recomendaram (p. 56) “veja e utilize livremente o instrumento apresentado a seguir, desde que citada a fonte.”

É controverso que, embora o artigo (NAHAS; BARROS; FRANCALACCI, 2000) tenha sido intitulado “O Pentáculo do Bem-Estar – Base Conceitual para Avaliação do Estilo de Vida de Indivíduos e Grupos” e apresente um novo instrumento de medida, muito pouco foi escrito sobre avaliação ou medição. Somente o tópico “Avaliando o estilo e a qualidade de vida de pessoas e grupos” foi designado para tratar

do assunto e ocupou pouco mais de meia página (p. 55) das doze que integralizaram este artigo.

Fidedignidade

O Coeficiente *alpha* de Cronbach avalia a consistência interna ou homogeneidade dos itens que visam medir um mesmo construto. Segundo Pasquali (1997, 2003), “um coeficiente de fidedignidade de 0,80 já é fraco, e um de 0,70 é inaceitável.” (p.135). Frente aos dados da amostra atual, constatou-se que o PEVI, no conjunto total de itens, não apresentou boa consistência interna, situando-se no nível inferior mínimo. Além disso, os coeficientes obtidos para quatro das cinco subescalas ficaram classificados abaixo do nível mínimo aceitável. Em suma, a fidedignidade do instrumento verificada através do Coeficiente *alpha* de Cronbach ficou aquém da desejável.

O *alpha* de Cronbach é obtido através da variância total do instrumento, da variância de cada item e da soma das variâncias destes itens. Quanto menor for a variância individual dos itens e maior a variância que estes produzem em conjunto, maior será o coeficiente de fidedignidade ou a consistência interna do instrumento (PASQUALI, 2003). Como a covariância média inter-itens calculada no PEVI foi bastante baixa, a congruência dos itens foi pequena e, conseqüentemente, o coeficiente de fidedignidade baixo.

Conforme visto antes, Nahas, Barros e Francalacci (2000, p. 55) relataram que “o coeficiente de concordância entre duas medidas realizadas variou entre 74 e 93% nos diversos domínios.” Este procedimento foi denominado pelos autores de “fidedignidade relativa”, expressão não típica da área da Psicometria. Contudo, permanece a dúvida se a relação avaliada no estudo original foi entre duas medidas paralelas (nesse caso, qual foi a outra medida?) ou se refere ao teste-reteste (duas vezes o PEVI). Supondo que tenha sido este último procedimento, ainda assim, no mínimo, informações acerca do tempo decorrido entre a primeira e a segunda medidas são imprescindíveis para a discussão da fidedignidade em questão. Em se tratando de testes curtos (é o caso presente), se o intervalo de tempo entre o teste e o reteste também for curto, a memória pode desempenhar papel importante possibilitando que o respondente apresente a mesma resposta anterior simplesmente por se lembrar dela. Ainda no delineamento teste-reteste, o termo estabilidade ou constância seria mais adequado para o coeficiente

de fidedignidade do que concordância ou reprodutibilidade (produzidos pelo Coeficiente Kappa para variáveis categóricas).

A técnica usada no presente estudo (*alpha* de Cronbach) está baseada na variância enquanto teste-reteste, provavelmente, utilizada por Nahas, Barros e Francalacci (2000), na correlação simples. Evidentemente, cada uma destas técnicas para a estimação da fidedignidade tem suas desvantagens e vantagens.

De qualquer forma, conforme Thomas e Nelson (2002, p. 201), “uma parte importante da validade é a fidedignidade, que diz respeito à consistência, ou à possibilidade de repetição de uma medida. Um teste não pode ser considerado válido se não for fidedigno”.

Independente da questão da representatividade dos construtos, o tamanho e variabilidade da amostra (daí a importância dessas informações não fornecidas) e o pequeno número de itens que compõe cada um dos fatores (PASQUALI, 1997, 2003) também pode ser um dos responsáveis pela baixa fidedignidade apresentada por um instrumento, no caso, o PEVI.

CONCLUSÕES

As lacunas encontradas no estudo de Nahas, Barros e Francalacci (2000) deixam o espaço para que se possa pensar que estavam mais interessados em realizar um exercício metafísico do que propriamente científico. O Pentáculo parece ser uma idéia *a priori* e determinante de toda e qualquer decisão tomada *a posteriori*.

Sem dúvida, o efeito prático e estético do recurso gráfico do Pentáculo do Bem-Estar (e, talvez, o poder do símbolo), revelando visualmente o perfil do estilo de vida da pessoa avaliada, tem atraído alguns pesquisadores a utilizarem este instrumento em suas pesquisas sem preocupação com as características psicométricas do mesmo.

Como não foi encontrada na literatura publicada nenhuma análise anterior do PEVI, sugere-se que outras avaliações sejam realizadas gerando mais dados para a discussão do assunto. Deve-se considerar que o presente estudo é apenas uma pequena evidência que, certamente, contém erro ao longo do processo. Por exemplo, a amostra usada é do tipo acidental e, embora, tenha sido abordada num bairro típico da classe média, não está garantida sua homogeneidade.

Para finalizar, uma reflexão inspirada por Abbagnano (1962, p. 967) que, em seu clássico dicionário filosófico, mais especificamente no verbete “vitalismo”, registrou:

“Uma causa assim, exatamente por fugir à observação científica, não explica nada, e pretende explicar tudo; e é um abrigo da ignorância ou da razão preguiçosa”.

Construct Validation Of Individual Lifestyle Profile Instrument

Abstract: This research aimed at verifying the psychometric characteristics of Individual Lifestyle Profile instrument (PEVI) from Nahas, Barros and Francalacci (2000) derived from the Pentacle of Welfare model. A sample of 168 women and men included were studied. Participants' age varied from 30 and 68 years old. They responded a questionnaire with 15 items, equally subdivided into 5 factors (Nutrition, Physical Activity, Preventive Behavior, Relationship and Stress Control). In order to response these question, people used a Likert scale with four points. Data were collected in public places like associations and a neighborhood square of middle class of Porto Alegre/RS. Answers were analyzed by SPSS 11.5 through Factorial Analysis for main components with Varimax rotation and Cronbach's Alpha coefficient. Results revealed that several items were saturating in items not prescribed by its authors, jeopardizing the measure's construct validity. Besides that, the instrument reliability was beyond the desirable.

Keywords: Welfare. Life Quality. Measurement Instruments. Construct Validation.

REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ALMEIDA FILHO, N. DE. O conceito de saúde: ponto-cego da epidemiologia? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, vol. 3, nº 1-3, p. 4-20, 2000.

ANASTASI, A. Evolving concepts of test validation. **Annual Review of Psychology**, 37, p. 1-15, 1986.

BAHIA, P. H. do N. **O estresse como indicador de qualidade de vida em professores do curso de fisioterapia**. 2002. 104 f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia da Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002.

BITTENCOURT, M. I.; SWAROSKY, D. M. L.; BORGES, C.; LOPES, B.; OSTROWSKI, V. T.; OURIVES, M.; SANTOS, M. S. O Perfil do Estilo de Vida de uma Equipe Multidisciplinar Atuante em Saúde do Trabalhador. **Trabalho/Pôster**. Disponível em:

<<http://www.ismabrasil.com.br/tpls/163.asp?idCadastro=211&idPg=573&mAb=n>>

Acesso em: 18 jun 2006.

BURNETT, P. C.; DART, B. C. A comparison of conventional vs confirmatory factor analytic techniques for validating existing scales. **Journal of Research and Development in Education**, 30, p.125-131, 1997.

CATTELL, R. B. The Scree Test for the number of factors. **Multivariate Behavioral Research**, 1, p. 245-276, 1966.

Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.3, n.1, Janeiro/ Junho, 2007.

EDITORIAL. *American Journal of Health Promotion*, 3, p. 3-5, 1989.

EIDAM, C. de L. **Estilo de vida dos portadores do vírus HIV atendidos no município de Florianópolis**. 2003, 101 f. Dissertação. (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

FLECK, M. P. A.; FACHEL, O.; LOUZADA, S.; XAVIER, M.; CHACHAMOVICH, E.; VIEIRA, G.; SANTOS, L.; PINZON, V. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100). *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21(1), p.19-28, 1999.

FOGAGNOLI, A. H.; SILVA, M. C. da; CORRADO, M. L. **Perfil do estilo de vida dos nadadores da categoria “A” dos jogos da juventude do Paraná, fase final – 2005**. Disponível em: <<http://www.faesi.com.br/2006/biblioteca/revista/Artigos/perfilnadadores.asp>> Acesso em: 05 jan 2007.

KAISER, H. F. The application of electronic computers to factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 20, p. 141-151, 1960.

MINAYO, M. C. de S.; HARTZ, Z. M. de A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), p. 7-18, 2000.

NAHAS, M. V. **Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo**. Londrina: Medigraf, 2003.

NAHAS, M. V. O Pentágulo do Bem Estar. *Boletim do Núcleo de Pesquisa em Atividade Física & Saúde CDS/UFSC*, 2, nº 7, p.1-1, 1996.

NAHAS, M. V.; BARROS, M. V. G.; FRANCALACCI, V. L. O Pentágulo do Bem-Estar. Base conceitual para avaliação do estilo de vida de indivíduos ou grupos. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 5, nº 2, p. 48-59, 2000.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria e aplicações**. Brasília: UNB, 1997.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003

PONTES, L. M.; DE SOUSA, M. do S. C.; SILVA, J. M. F. de L.; GOMES, E. R. de M.; REIS, E. do E. S.; LIRA, F. A. dos S. Análise da qualidade de vida e prevalência de sobrepeso em moradores da zona rural do município de Pombal. *Revista Saúde.Com*, 1(1), p.18-23. Disponível em: <<http://www.uesb.br/revista/rsc/v1/v1n1a3.pdf>> Acesso em: 15 set 2006.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

WIKIPÉDIA. **Pentágulo**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pent%C3%A1culo>> Acesso em: 15 set 2006.

Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.3, n.1, Janeiro/ Junho, 2007.

Recebido em: 25/09/2006

Aprovado em: 16/03/2007

Contatos:

Instituição Educacional São Judas Tadeu

Curso de Educação Física

Rua Dom Diogo de Souza, 100

CEP 91350-000 Porto Alegre/RS

e-mails: hernandz@portoweb.com.br

francisco@saojudastadeu.com.br

thco03@hotmail.com

arianeamor@yahoo.com.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto

Avenida Ipiranga, 6681 – Prédio 80 – 6º andar

Cep: 90619-900 Porto Alegre/RS

e-mails: voser@puc.br

celedo_elz@hotmail.com